

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO E PROCESSOS EM EDUCAÇÃO

DIVERSIDADE E INCLUSÃO

GARRETT, Marilda de Almeida

**A HIPERATIVIDADE E OS JOGOS LÚDICOS COMO ESTRATÉGIA PARA A
APRENDIZAGEM**

MATINHOS
2015

GARRETT, Marilda de Almeida

**A HIPERATIVIDADE E OS JOGOS LÚDICOS COMO ESTRATÉGIA PARA A
APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito
parcial para a obtenção do título
de Especialista Gestão e
Processos em Educação,
Diversidade e Inclusão pela
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^ª. Dra.Édina Mayer
Vergara

MATINHOS
2015

PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral

UFPR

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO E PROCESSOS EM EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO.

Aos treze dias do mês de junho do ano de 2015 (dois mil e quinze), reuniram-se na sala temática Diversid. e Inclusão os membros da banca

examinadora: Edina Vergara (orientador),

Dilvane Fátima Keller e

Maurício Cesar Citarista Jorgensen para avaliação do

Trabalho de Conclusão de Curso do (a) cursista: Marilda de

Almeida Garrett, sob o título:

A importância do lúdico como estratégia
de aprendizagem na hiperatividade.

Após a avaliação deliberou-se que o (a) referido (a) cursista foi aprovado (a) como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gestão e Processos em Educação, Diversidade e Inclusão, tendo obtido conceito APL.

Nada mais havendo a tratar, eu Edina Vergara

(orientador) lavrei a presente ata, a qual será assinada pelos membros da banca.

Edina Vergara
Orientador

[Assinatura]
Avaliador 1

[Assinatura]
Avaliador 2

Marilda de A. Garrett
Cursista

1.RESUMO.....	05
2.INTRODUÇÃO.....	06
3.DESENVOLVIMENTO.....	07
3.3CONCEITOS GERAIS SOBRE O LÚDICO.....	11
4.O JOGO NA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TDAH.....	14
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
6.REFERÊNCIAS.....	21

HIPERATIVIDADE E OS JOGOS LÚDICOS COMO ESTRATÉGIA PARA A APRENDIZAGEM

GARRETT, Marilda de Almeida

marildinha@seed.pr.gov.br

1. RESUMO

Com frequência os professores encontram em suas turmas crianças agitadas, hiperativas, que não conseguem manter a atenção focalizada nas atividades escolares que exigem concentração mais profunda ou por mais tempo. Esse comportamento também distrai a atenção dos demais alunos da classe, causando dificuldade para a sua aprendizagem e para o desenvolvimento do trabalho do professor. O presente artigo tem como principal objetivo destacar a importância do lúdico como uma das estratégias fundamentais para aprendizagem de crianças hiperativas nas séries iniciais. Para isso tem sua construção apoiada em consulta teórica, e baseada em diferentes autores buscando fundamentar e conceituar TDAH e suas possíveis relações com o lúdico na sala de aula, a fim de estabelecer a relação da brincadeira e do jogo, identificando sua importância na aprendizagem, procurando demonstrar que se há inserção do jogo na sala de aula, o aluno com TDAH poderá aprender a lidar melhor com suas características (a aceitação de limites) demonstrando interesse pelo lúdico que a experiência pedagógica pode trazer (que o professor está ensinando).

Palavras-Chave: Hiperatividade, estratégias pedagógicas lúdicas, aprendizagem inclusiva.

Professora da Rede Pública Estadual do Paraná em 1989, licenciada em Língua Portuguesa e Estrangeira pela Faculdade Tuiuti e licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná, no ano de 1995.

2. INTRODUÇÃO

Este estudo está vinculado ao Curso de Especialização em Gestão e Processos em Educação, Diversidade e Inclusão, e resulta em um processo de estudos e experiências na formação continuada com professores da Rede Estadual e Municipal do Paraná, mais especificamente da região metropolitana de Almirante Tamandaré Pr. Buscando conhecer e compreender o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), observa-se que é uma complexa desordem comportamental que leva a criança a graus variáveis de comprometimento na vida social, emocional, escolar e familiar. É marcado por distúrbios motores, perceptivos, cognitivos e comportamentais que geram dificuldades globais no desenvolvimento infantil.

No decorrer dos anos houve inúmeras mudanças na nomenclatura que refletiram tendências históricas no conceito da origem desse transtorno, bem como em seus aspectos essenciais. Em 1947, Strauss e Lehtinen chamavam o TDAH de “Síndrome de Lesão Cerebral Mínima”. Em 1962, graças a falta de comprovação de alteração neurológica, ficou conhecido como “Disfunção Cerebral Mínima”.

3.DESENVOLVIMENTO

O termo transtorno de atenção surgiu em 1989, no Manual Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais, 3ª edição - DSM-III. Nesse período, o DSM-III o nomeava como Transtorno de Déficit de Atenção (TDA), classificando-o em dois tipos: o TDA com hipertividade e o TDA sem hiperatividade, para identificar que ambos envolviam o déficit de atenção.

No entanto, um deles se referia à crianças com uma excessiva hiperatividade (PHELAN, 2004).

Diante dessa classificação e com base nas pesquisas realizadas sobre TDA, verificava-se que o TDA sem hiperatividade era observado frequentemente em meninas, já o TDA com hiperatividade, em meninos.

Em 1987, o DSM-III é revisto dando origem ao DSM-III-R. Nesse novo manual a nomenclatura sobre o déficit de atenção recebe uma nova característica, passa a se chamar transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, apesar de a nomenclatura continuar confusa – TDA ou TDAH. Esse problema só é resolvido na escrita da quarta edição do DSM, ou seja, o DSM-IV-TR.

Na nova edição desse manual reconhece-se que tanto a desatenção quanto a inquietação frequentemente estão envolvidas no distúrbio, portanto, a nomenclatura mais correta seria Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade - TDAH.

Phelan (2004), de acordo com o DSM-IV-TR, coloca-nos que, além de compreender ou ter claro qual a melhor nomenclatura para definir tal transtorno do comportamento, faz-se necessário observar se a pessoa que chega ao consultório com a queixa de atenção ou hiperatividade apresenta os critérios de persistência, início precoce, frequência e gravidade, clara evidência de deficiência em um ou mais cenários.

Para comprovar o critério persistência necessita-se que o comportamento persista pelo menos 6 meses, observando que seu início se dê antes dos 7 anos de idade. Quanto à frequência e a gravidade, deve-se observar se a ocorrência de desatenção ou hiperatividade apresenta um caráter extraordinário quando comparado às pessoas da mesma idade, causando, assim, interferência significativa na capacidade funcional da desatenção – claras evidências – em contextos múltiplos e em

situações sociais diversas – deficiência em um ou mais cenários.

Figaro et al. (2009, p. 315) colocam que, além dos sintomas do TDAH, há um grande número de comorbidades associadas, “sendo quase uma regra e não exceção, já que elas aparecem em aproximadamente 65% dos casos. O Transtorno Opositor, Transtorno de Aprendizagem, Transtorno de conduta e Depressão, são os mais comuns entre elas”.

Segundo os autores, “ocorre um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade, mais frequente e grave do que aquele tipicamente observado nos indivíduos em nível equivalente de desenvolvimento” (FIGARO, et. al. 2009, p. 316). Já as dificuldades de atenção prejudicam a consciência de um determinado estímulo entre uma variedade de estímulos para que se consiga extrair algum significado – atenção seletiva.

De acordo com a predominância dos principais sintomas (desatenção, hiperatividade ou impulsividade), o TDAH pode ser subdividido em: TDAH predominantemente desatento, TDAH predominantemente hiperativo ou impulsivo e TDAH tipo combinado – desatento e hiperativo ou impulsivo.

O TDAH com predomínio de desatenção tem como característica principal o fato de a criança ou o jovem acometido por esse transtorno não prestar atenção nas atividades que realiza ou mesmo no que o outro fala, além de permanecer sentado por um longo período, bem quieto. Devido a tal comportamento, tais crianças ou jovens são, muitas vezes, acusados de serem preguiçosos, acarretando, portanto, a baixa autoestima.

De acordo com Phelan (2004)

Durante o período de distração por qual a criança ou jovem com TDAH passa, é possível verificar que as distrações não ocorrem pelos mesmos motivos, linearmente em todos os casos. Pelo contrário, segundo o autor, existem quatro tipos de distrações: virtuais, auditivas, somáticas e de fantasia.

Nas distrações visuais, a criança ou o jovem retém sua atenção em qualquer outra coisa que agrada seu visual, desviando-se assim do trabalho ou atividade a ser realizado. A sala de aula, por exemplo, deve ser um espaço limpo de

recursos visuais, para que o aluno com TDAH não se distraia tão facilmente durante o período de aula. Já as distrações auditivas, ao contrário da primeira, são muito mais difíceis de serem controladas, pois estas se relacionam com todo e qualquer tipo de som que a criança ou o jovem com TDAH possa ouvir no ambiente em que está inserido.

As distrações somáticas, de acordo com Phelan (2004), relacionam-se às sensações corporais que ocasionam o desvio da atenção da criança ou do jovem com tal transtorno como, por exemplo, sapatos apertando os pés, dores abdominais, entre outras sensações. No caso das distrações de fantasia, verifica-se que na mente da criança ou do jovem ocorrem pensamentos ou lembranças de imagens muito mais atraentes do que a atividade a ser realizada.

No TDAH com predomínio da hiperatividade ou impulsividade fica mais em evidência o comportamento que a criança ou o jovem adota diante das adversas situações que encontra no seu dia a dia, nos diversos espaços que frequenta; mostrando, dessa forma, muitas características dos transtornos de comportamento.

A hiperatividade é considerada pelos médicos como uma inquietação motora excessiva e agressiva que se repete, não só nos momentos de espasmos de nervosismo, mas sim com certa frequência. Quanto à impulsividade, ela está fortemente relacionada com o agir sem pensar, sem se preocupar com as consequências; em uma criança ou jovem com TDAH, os atos impulsivos podem ir dos triviais (gritar) aos extremamente perigosos (agredir fisicamente), prejudicando as interações sociais.

E, no caso do terceiro tipo, conforme a classificação já indica, o tipo misto, este possui características tanto de desatenção como de hiperatividade e impulsividade; o que acaba caracterizando-o como o tipo mais complexo do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, o que interferirá significativamente no comportamento e no aprendizado da criança ou do jovem acometido por tal tipo de transtorno.

De acordo com Rizzutti (2009), apesar do grande número de estudos e dos avanços nas pesquisas sobre o TDAH, as causas precisas desse transtorno ainda são desconhecidas, apesar de ser amplamente aceita a influência de fatores genéticos e ambientais em seus desenvolvimento.

A prevalência do transtorno entre os parentes das crianças afetadas é cerca

de 2 a 10 vezes mais do que na população em geral, no entanto, “ é importante salientar que no TDAH, como na maioria dos transtornos do comportamento, em geral multifatoriais, nunca devemos falar em determinação genética, mas sim em predisposição ou influência genética” (RIZZUTTI, 2009, p. 302).

Dessa forma, o surgimento e a evolução do TDAH, em um indivíduo, parecem depender de quais genes de susceptibilidade estão agindo e de quanto cada um deles contribui para a doença, ou seja, qual o tamanho do efeito de cada um, entre si e com o ambiente (ROMANOS et al., 2008, citado por RIZZUTTI, 2009, p. 302).

Phelan (2004), bem próximo da fala de Romanos, coloca-nos que a hereditariedade não é a única explicação para todos os casos de TDAH, pois segundo o autor os estudos mostram que algumas explicações estão relacionadas com riscos biológicos como o álcool, o fumo, o baixo peso e a prematuridade, que podem afetar a criança antes, durante ou depois do seu nascimento.

Sendo assim:

É provável que diferentes indivíduos com TDAH tenham herdado uma quantidade de diferentes partes de genes. Entretanto, cada indivíduo afetado com TDAH deve ter herdado suficiente variação gênica para passar de uma possibilidade de ter o TDAH permitindo assim desenvolver o TDAH,. (RIZZUTTI, 2009, p. 20).

Diante de tais especificações, verificamos, portanto, que o TDAH não é um transtorno de aprendizagem, no entanto, os sintomas de desatenção, hiperatividade e impulsividade têm um grande impacto no desenvolvimento escolar.

3.3 CONCEITOS GERAIS SOBRE O LÚDICO

A infância é uma sucessão de etapas, sendo nela que se desenvolvem os sentidos, a afetividade, a linguagem, a motricidade e a inteligência em um processo contínuo de interações. Tudo isso é possível quando a criança tem liberdade para brincar, por que é através da brincadeira que ela pode conhecer o mundo, é no “faz de conta”, que ela vivencia a afetividade, a comunicação com os colegas, os conflitos, entende regras e desenvolvem as normas de como irão brincar.

Três grandes vertentes teóricas oferecem subsídios sobre o lúdico, atribuindo a ele significados e funções diferentes: as visões sócio-histórica, cognitiva e psicanalítica

Para a visão sócio-histórica, o brincar ocorre num contexto cultural, sendo impossível dissociar afeto e cognição, forma e conteúdo, da ação humana. Para Vygotsky (1989). o brinquedo desempenha várias funções no desenvolvimento, como: preencher as diversas necessidades da criança, permitir o envolvimento da criança num mundo ilusório, favorecer a ação na esfera cognitiva, fornecer um estágio de transição entre pensamento e objeto real, possibilitar maior autocontrole da criança, uma vez que lida com conflitos relacionados às regras sociais e aos seus próprios impulsos.

Na perspectiva cognitiva, o brinquedo e o ato de brincar, conforme Amorim citado em Oliveira (1994), constituem-se em vínculos importantes na construção do conhecimento, pois o sujeito internaliza sua realidade através da simbolização. Como “prazer funcional”, o brinquedo faz do ato de brincar uma oportunidade de melhora e domínio, de que, quando adulto, o homem vai necessitar. Piaget traz grandes contribuições para a psicologia cognitiva, analisando o jogo em relação à vida mental, traçando um paralelo entre os estágios de desenvolvimento cognitivo e o aparecimento de diferentes tipos de jogos. Propõe quatro grandes tipos de estruturas para caracterizar os jogos infantis: jogos de exercícios, jogo simbólico, jogos de regras, jogos de criação. A psicanálise remete o brincar ao inconsciente.

De acordo com Winnicott (1982)

As crianças têm prazer em todas as experiências de brincadeiras físicas e

emocionais. Além disso, brincam também para dominar angústias e controlar ideias ou impulsos que conduzem à angústia. No espaço do brincar a criança comunica sentimentos, ideias, fantasias, intercambiando o real e o imaginário.

O ato de brincar é o momento em que a criança pode desenvolver sua linguagem, na comunicação com o outro, descobrindo sua riqueza podendo inventar novas histórias, sonhar acordada, criar um passado e um futuro. Nessas brincadeiras sua personalidade começa a ganhar forma no instante em que se coloca como líder ou como ouvinte.

Portanto:

Brincar é descobrir as bondades da linguagem, é inventar novas histórias, é assistir a possibilidade humana de criar novos pulsares, é isso maravilhosamente prazeroso. Brincar é por a galopar as palavras, as mãos e os sonhos. Brincar, é sonhar acordado, ainda mais, é arriscar-se a fazer do sonho algo visível. (MORALES apud FERNANDES, 2001. pág 35)

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.

Trabalhar com o lúdico viabiliza ao professor valorizar a criatividade do aluno, deixar que crie regras para um bom andamento dos trabalhos, para tomar decisões e para que desenvolva a autonomia, ajuda o aluno a conhecer-se como pessoa, integrante de uma sociedade, em que, como todos têm o papel nela. (DOHME, 2003)

O verbete lúdico (adjetivo) significa referente a, ou o que tem o caráter de jogos, brinquedos e divertimentos.

Segundo Rosamilha (1979) o termo ludismo refere-se a:

(...) substantivo relativo à qualidade ou caráter de lúdico. O termo ludoterapia é definido como tratamento de doentes mentais por meio de brinquedos, divertimentos, jogos... (Rosamilha, 1979. pág, 3)

Segundo a Enciclopédia Mirador Internacional(1975), citado em Rosamilha (1979) temos a palavra jogo, onde se analisa a etimologia de lúdico, adjetivo. Jogo corresponde ao latim jocus, italiano gioco, e o inglês game. O termo lúdico é expressão portuguesa originária do lodus latino, sinônimo de jocus.

Piaget (1998) ressalta que “ a primeira linguagem que a criança aprende é a linguagem do corpo, a linguagem da ação”. É através do corpo que a criança interage com o meio.

Vigotsky, define o brinquedo “como algo que preenche necessidades da criança, o que significa atendê-lo como algo que motiva a ação”. Em toda fase do desenvolvimento, a criança tem desejos que não consegue realizar deixando-a tensa, “para resolver essas tensões, a criança em idade escolar envolve-se em um mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizáveis. (VIGOTSKY, 1989)

A atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo por isso indispensáveis à prática educativa. As brincadeiras permitem a criança desenvolver a atenção melhorando até mesmo a expressão corporal. (PIAGET, 1998).

Chateau (1987), ressalta que o prazer moral proporcionado pelo lúdico deverá ser transposto para a educação, calcada na atividade espontânea do jogo. A criança precisa superar obstáculos, ou seja, precisa querer superá-los.

“A verdadeira alegria, a alegria humana, é aquela que se obtém em um triunfo sobre si, num domínio de si. Por mais cansativo que seja o jogo, o prazer da vitória é gratificante”. (Chateau, p.28).

Segundo Lieberman (1977), citado em Rosamilha (1979), o lúdico é um traço de personalidade que persiste na infância até a vida adulta.

4. O JOGO NA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS TDAH

No decorrente trabalho, a palavra lúdico está sendo utilizada para indicar o processo de brincar e jogar como condutas semelhantes a vida escolar da criança com TDAH, de forma que poderemos entender a importância dessas estratégias para essas crianças. A maioria dessas crianças chegam a pré- escola, ou ao ensino fundamental, razoavelmente bem ajustada para a idade e com poucos problemas reais exceto os de crescer em um mundo em constante mudança.

“A escola muitas vezes é o lugar onde as crianças encontram os adultos mais consistentes, um ambiente seguro para passar parte do dia e muitos companheiros de brincadeiras, recursos materiais e um meio ambiente diferente do de casa”. (MOYLES, 2002, p.143).

Os professores precisam revisar constantemente suas impressões dos alunos, observando de forma cuidadosa e objetiva, reconhecendo quando ocorre alguma mudança com esse aluno. As necessidades individuais dos alunos se tornam um problema quando trazem obstáculos na aprendizagem, divertimento e concentração de outras crianças.

É importante salientar que quando me refiro às necessidades individuais neste trabalho inclui-se a criança com TDAH, de forma que o TDAH pode ser vista como uma necessidade individual.

Segundo Moyles (2002), os professores têm de lidar, inevitavelmente, com necessidades individuais no contexto do ambiente social mais amplo da sala, e isso cria imensos desafios e dilemas. No entanto, Brierley (1987), citado em Moyles (2002), sugere que

é simplesmente de tratar diferentemente, pessoas diferentes, de modo que cada uma seja tratada tão bem quanto possível”. Já que uma das funções tanto da escola quanto do brincar é socialização, é natural e efetivo que ambos ocorram juntos.

É importante que cada aluno encontre alguma maneira por meio do brincar, de expressar e do satisfazer normalmente sua necessidade individual, até certo ponto, e ainda mais importante é que o professor possa ser capaz de usar o interesse lúdico de cada criança com necessidades individuais para que as mesmas promovam um melhor auto conceito a confiança na experimentação de novas atividades, e o desenvolvimento da aprendizagem individual. (MOYLES, 2002) .

O brincar pode ser na verdade uma terapia para a criança temporariamente tumultuada, perturbada ou incapacitada, embora não existam pesquisas suficientes e evidências conclusivas sobre o brincar e seus efeitos na perturbação ao longo prazo. Moyles (2002), ressalta que as crianças que não brincam ficam “empobrecidas” pela falta dessa capacidade, e realmente parece que as crianças que brincam obtêm imensos benefícios a partir disso.

Segundo Vigotsky (1989), Piaget (1998), Winnicotti (1982), o jogo (brincar), está presente como papel de fundamental importância, principalmente na educação, no entanto, Chateau (1987) adverte para que a educação não se limite somente ao jogo, por isso levaria o homem a viver em um mundo ilusório.

Chateau (1987) fundamenta-se nas relações mútuas entre o jogo e o trabalho, de acordo com o autor “(...) o jogar exige um esforço muito grande, e quase sempre tem como objetivo cumprir uma tarefa, portanto o jogo é um dever quanto uma tarefa escolar, desta forma, o jogo passa a ter um caráter moral.” (CHATEAU, 1987. pág 155) .

Jogando a criança entra em contato com outras crianças, e passa a respeitar outros pontos de vistas, de forma que isso irá favorecer a saída do seu egocentrismo original.

Com relação a esse aspecto, Claparède, citado e Chateau (1987), confirma que “ é preciso tomar muito cuidado para que o jogo não se torne apenas um divertimento, desprezando essa parte de orgulho e de grandeza humana que dá seu caráter próprio ao jogo humano”.

Conforme Brougère (1998), o jogo nos dá a oportunidade de descobrir informações sobre o nosso meio que contribuem para a nossa visão de mundo, e para várias formas de aprendizagem, para o autor, é através do jogo e da brincadeira que são exercitados aspectos físicos e mentais do indivíduo. Então por que não fazer a criança hiperativa aprender de forma prazerosa, interativa, conhecendo melhor a si mesmo e conviver de forma harmoniosa e feliz com seu professor? Por mais que haja desgaste físico, algumas frustrações, o prazer que a criança sente ao jogar, ao brincar

é imensurável. Atividades lúdicas com uma variedade de materiais e recursos facilmente disponíveis nas salas de aula normais, ajudaram significativamente a identificar e satisfazer as necessidades individuais, um grande número de recursos desenvolve aspectos como confiança, imaginação e socialização.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para se transformar e melhorar o rumo da história de uma criança com TDAH na escola, o primeiro passo é adequar a integração e comunicação entre família e escola, de forma que são os mesmos que lidam com a criança frequentemente, formando assim, uma aliança inclusiva. Procurando reduzir intensamente o desgaste e prejuízos que o transtorno naturalmente lhes conduz, uma das maiores contribuições é o conhecimento sobre o que é TDAH, e busca de soluções, fazendo com que essas buscas sejam ao longo do tempo transformadas em conquistas. Conquistas que podem levar o aluno com TDAH a transcender o espaço escolar não como sendo algo ameaçador para o bom andamento do processo de aprendizagem, e sim prazeroso.

Ensinar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, aquele caminho que o professor considera o mais correto, mas é ajudar o aluno a tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade.

É saber ressignificar preconceitos, é aprender a ser e conviver sem perpetuar subalternizações pelas diversidades entre as pessoas. É oferecer várias ferramentas para que o aluno possa escolher entre muitos caminhos, aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com circunstâncias adversas que cada um irá encontrar.

No processo de educação infantil e das séries iniciais de escolarização, acreditamos que o papel do professor é de suma importância, pois é ele quem cria os espaços, disponibiliza matérias, participa das brincadeiras, ou seja, faz mediação da construção do conhecimento, entende-se então a partir dos princípios expostos neste trabalho, que o professor deverá contemplar o lúdico como princípio norteador no processo de ensino e aprendizagem do aluno com TDAH, possibilitando-lhe oportunidades de ampliar sua visão de mundo, de forma que ele possa transferir suas descobertas, e desenvolver suas habilidades através dos jogos e brincadeiras. Esta ideia ganha adeptos ao colocar as atividades lúdicas no processo do desenvolvimento das crianças hiperativas.

Brincando a criança torna-se operativa. O ato de criar estratégias lúdicas para

os alunos com TDAH permite uma relação de afeto na escola, e de grande experiência para o educador.

Uma relação educativa que pressupõe o conhecimento de sentimentos próprios e alheios que requerem do educador infantil o conhecimento de sentimentos próprios e alheios que requerem do educador infantil a disponibilidade corporal e o envolvimento afetivo, como também, cognitivo de todo o processo de criatividade que envolve o sujeito-ser-criança.

A aprendizagem e a criatividade da criança é estimulada por meio da vivência, a qual o educador estabelece um vínculo de afeto com o educando. A criança com TDAH necessita de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem. A experiência em saber lidar com essas crianças na escola pode ser uma maneira eficaz de se chegar perto do sujeito e a ludicidade, em parceria, um caminho estimulador e enriquecedor para se atingir uma totalidade no processo cognitivo do aprender.

O lúdico tem conquistado um espaço no panorama da educação infantil conforme as Diretrizes Nacionais. Diante do que foi exposto no presente artigo acreditamos que o brinquedo é a essência da infância e seu uso permite um trabalho enriquecedor na escola que possibilita a produção do conhecimento e também a estimulação da criatividade da criança com TDAH, pois o uso destas estratégias lúdicas permite que a criança estabeleça com o brinquedo uma relação natural de forma que consiga extravasar suas angústias, suas alegrias e tristezas, suas agressividades e passividades.

Independente de época, cultura e classe social, os jogos e os brinquedos fazem parte da vida da criança, pois elas vivem num mundo de fantasia, de encantamento, de alegria, de sonhos, onde realidade e faz-de-conta se confundem (KISHIMOTO, 1999). O jogo está na gênese do pensamento, da descoberta de si mesmo, da possibilidade de experimentar, de criar e de transformar o mundo.

A palavra lúdico vem do latim ludus e significa brincar. Neste brincar estão incluídos os jogos, brinquedos e divertimentos e é relativa também a conduta daquele que joga, que brinca e que se diverte. Por sua vez, acreditamos que a função educativa do jogo oportuniza a aprendizagem da criança com TDAH na escola, seu saber, seu conhecimento e sua compreensão de mundo, de forma que se estabeleça até seus próprios limites. Entender o papel do jogo na relação da aprendizagem da criança com TDAH requer que percebamos estudos de caráter psicológico, como mecanismos mais complexos, típicos do ser humano, como a memória, a linguagem, a atenção, a

percepção e aprendizagem. Elegendo a aprendizagem como processo principal do desenvolvimento humano enfocamos Vygotsky (1984) que afirma: a zona de desenvolvimento proximal é o encontro do individual com o social, sendo a concepção de desenvolvimento abordada não como processo interno da criança, mas como resultante da sua inserção em atividades socialmente compartilhadas com outros. Atividades interdisciplinares que permitem a troca e a parceria.

Ser parceiro é sê-lo por inteiro nesse sentido, acredita-se que o conhecimento é construído pelas relações interpessoais e as trocas recíprocas que se estabelecem durante toda a vida formativa do indivíduo.

Vygotsky afirma que (1991, p. 109 – 110) “é no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva”. Segundo o autor a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real, tanto pela vivência de uma situação imaginária, quanto pela capacidade de subordinação às regras.

A formação lúdica possibilita ao educador conhecer-se como pessoa, saber de suas possibilidades, desbloquear resistências e ter uma visão clara sobre a importância do jogo e do brinquedo para a vida da criança com TDAH.

O brinquedo supõe uma relação íntima com o sujeito, uma indeterminação quanto ao uso, ausência de regras. O jogo pode ser visto como um sistema linguístico que funciona dentro de um contexto social, um sistema de regras para a criança com o transtorno.

O significado do jogo foi explorado de várias formas neste trabalho, de acordo com a definição dos autores aqui expostos, concluímos que a melhor forma de trabalhar este aluno com TDAH. Na sala de aula, seria com as turmas toda de forma que o aluno com alguma necessidade individual, descrito por Moyles (2002), não perceba que ele está sendo tratado como “diferente”, visto que ele é capaz de participar, e de superar suas dificuldades. Seria interessante que o professor desenvolva atividades necessárias por meio da observação da criança em diferentes atividades, para decidir que aprendizagem ocorrem nos comportamentos lúdicos dessas crianças. Pois como afirma Moyles (2002, p. 19 a 23) que “(...) o brincar, longe de ser uma atividade supérflua, para o tempo livre, em certos estágios iniciais cruciais, pode ser necessário para a ocorrência e o sucesso de toda a atividade social posterior”.

Conforme os autores aqui citados, fica clara a defesa pelas pedagógicas de cunho lúdico para crianças com hiperatividade mas que ainda há um longo caminho a ser percorrido para que a sala seja em um local aberto à ludicidade. Esta é uma

tarefa muito árdua em vista da formação docente que privilegiou a cognição e a disciplina , das condições estruturais das instituições, e da visão ainda equivocada de que o brincar é tudo, menos coisa séria como um sólido meio de aprendizagem de crianças com ou sem TDAH.

6.REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A . **A criança e seus jogos**. Porto Alegre. Artes Médicas. 1992.

ANDRADE, E, R. **Indisciplinado ou Hiperativo**. Nova Escola. www.tdah.com.br. Nº 132, maio 2000.

BARKLEY, R. **Transtorno do Déficit de Atenção / Hiperatividade**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.

BENCZIK, E, B, P. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: Atualização diagnóstica e Terapêutica**. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2000.

CHATEAU, J. **O jogo e a Criança**. São Paulo. Summus. 1987.

DAVIS, C & OLIVEIRA. Z. **Psicologia na Educação**.São Paulo. Cortez. 1994

Declaração de Salamanca, 1994. [http// boes.org/um/brahr-bhtml](http://boes.org/um/brahr-bhtml) em 06/05/2006.

DSM-IV - **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1995.

MATTOS, P. **No Mundo da Lua: Perguntas e respostas sobre Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo, Lemos Editorial, 2001.

O`BRIEN. Lisa. **Como lidar com o Transtorno de Déficit de Atenção na Pré-escola**.

www.Hiperatividade.com.Br (1998) . Em 02/04/2006

SILVA, A, B. **Mentes Inquietas: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas.** Rio de Janeiro: Napades, 2003